

Infância de papel: o discurso sobre a infância nos quadrinhos de Maurício de Sousa.¹

Marcília Luzia Gomes da Costa Mendes - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – (Docente e Pesquisadora)²

Resumo

Análise do discurso sobre a infância nos quadrinhos de Maurício de Sousa, a partir do domínio e compreensão da linguagem como prática social e discursiva, tomando-se como suporte indispensável às abordagens sobre discurso em Foucault e Bakhtin.

Palavras-chave: infância; quadrinhos; discurso.

Introdução

Diferente do cinema, que gerou seu próprio veículo, o quadrinho necessitou de um veículo alheio, que foi especificamente o jornal impresso. Passando pelas páginas semanais às tiras diárias, e depois de um longo período, às revistas exclusivas, o quadrinho se “enquadrinou”, ou seja, construiu sua especificidade como elemento da indústria cultural.

Como um sistema de comunicação universal, as histórias em quadrinhos surgem, a princípio, com o caráter de divertimento que atinge, principalmente, o público infanto-juvenil. Mas, através desse caráter de divertimento, se molda toda uma concepção ideológica que o autor das histórias perpassa sutilmente, através dos seus personagens e dos enredos, os quais muitas vezes estão distantes da realidade das crianças brasileiras.

¹ Trabalho apresentado ao NP 16 – Histórias em Quadrinhos, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Professora e pesquisadora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Doutoranda em Ciências Sociais na UFRN, Mestre em Ciência da Informação pela UFPB.
Marciliamendes@uol.com.br; Marciliagomes@superig.com.br

Tomando o discurso quadrinizado de Mauricio de Sousa como objeto empírico da pesquisa, faz-se necessária uma discussão sobre a linguagem enquanto prática discursiva, ou seja, a linguagem como discurso capaz de articular os aspectos lingüísticos, históricos, sociais e culturais, evidenciando exemplos concretos ou casos específicos. Com isso o poder do discurso se manifesta e possa nos revelar sua eficácia. Na produção do discurso quadrinizado, observamos uma preocupação dos autores com a utilização de uma linguagem clara, acessível, o que é demonstrado por um domínio organizativo na união entre imagem e texto. Além dessa união, a utilização de balões, onomatopéias são exemplos de recursos de linguagem bastante específicos dos quadrinhos, que fora do âmbito destes perdem em significado. Esses recursos de linguagem são denominados por Eco (1987, p.145) “de convenções semânticas das estórias em quadrinhos”.

Sem dúvida, os recursos de linguagem utilizados pelos quadrinhos seduzem, tanto pelas cores e desenhos utilizados, como também pelas imagens. Dessa forma, a seqüência dos quadros, de tão bem elaborada, chega até mesmo a dispensar o texto escrito. São as chamadas “histórias mudas”, nas quais só aparecem imagens sem o texto. Esse seria mais um recurso, objetivando a captura de um maior número de leitores (alfabetizados ou não) o que faz com que esse gênero discursivo seja tão interativo.

Com o objetivo de pesquisar mais profundamente a construção desse discurso e identificar qual o conceito sobre infância que está presente na narrativa quadrinizada, elegemos os quadrinhos de Mauricio de Sousa para a investigação empírica. Na análise das histórias, utilizaremos os recursos da Análise de Discurso, que nos orientarão à análise da linguagem quadrinizada. A opção pela Análise de Discurso (doravante AD) deve-se à sua apreensão teórica não apenas dos processos verbais, mas principalmente dos sociais, históricos, políticos e ideológicos em que os discursos estão fundamentados.

Uma das principais características da AD é ser um dispositivo de análise que possui uma ótica multidisciplinar, e em virtude também da abrangência dos seus aportes teóricos que vão desde da lingüística, passando pela sociologia até a comunicação. Enquanto uma forma de conhecimento sistematizado, a AD está pautada

sempre pela provisoriedade e aberta a freqüentes revisões e avanços, já que os discursos não se apresentam da mesma maneira para todas as pessoas e estas assumem posições diferentes quando chamadas a interpretá-los.

Respaldados em diversos autores (Bakhtin, Althusser, Pêcheux, Foucault e Fairclough), podemos inferir que a AD alicerça-se sob três fundamentos: a teoria, a crítica e a ideologia. Enquanto pesquisadores, percebemos que essa tríade acompanha o nosso trabalho ao longo de seu percurso. A AD tem um procedimento que requer um ir-e-vir permanente entre teoria, consulta ao *corpus* e análise e serão esses procedimentos metodológicos que permearão também a nossa pesquisa.

Nosso interesse por esse objeto de estudo iniciou-se desde a infância, atravessando a adolescência e chegando até a fase profissional. A constatação da relevância dos quadrinhos para uma melhor compreensão dos discursos que circulam socialmente nos levou a utilizá-los como instrumento de ensino, principalmente nas disciplinas História da Comunicação, Teoria da Comunicação, Jornalismo, Política e Ideologia e Comunicação Comparada, pois, como docente do Curso de Comunicação Social, trabalhamos, também, na perspectiva dos quadrinhos como mídia.

Em nossa iniciação literária, os quadrinhos sempre se fizeram presentes e boa parte das nossas vidas esteve entremeada por um dos mais fustigantes veículos da produção seriada das mensagens: as histórias em quadrinhos. E no momento em que as tomamos como objeto para esse exercício especulativo, talvez estejamos realizando um daqueles saborosos reencontros com a infância, quando nos deliciávamos percorrendo atentamente as estrepolias dos nossos heróis de papel. Esse reencontro, contudo, mantém um outro nível de relação: quer apreender os sentidos que estão sendo construídos através das mensagens quadrinizadas. Agora, os nossos olhos não são tão inocentes, mas, nem por isso, menos apaixonados.

A investigação

Para realizar a investigação, optamos pelas publicações de Mauricio de Sousa, editadas pela Editora Globo, cujos direitos autorais pertencem aos Estúdios Mauricio de Sousa. As histórias em quadrinhos desse cartunista destinam-se principalmente ao

público infanto-juvenil; ou seja, voltam-se para aquela faixa etária compreendida entre 4 a 11 anos.

Conhecedores da influência que os quadrinhos exercem nesse público, o problema que se coloca é: Qual o discurso sobre a infância que é construído pelos quadrinhos de Mauricio de Sousa?

Com o intuito de responder a essa questão, estabelecemos como pontos centrais que permearão a nossa pesquisa os seguintes objetivos: analisar o discurso sobre a infância que é construído nos quadrinhos de Mauricio de Sousa, identificar qual o conceito de infância que está presente no discurso quadrinizado e demonstrar como se estabelecem as relações definidas nos eixos temáticos.

Para a realização desse empreendimento definimos, como forma de ordenação textual, determinados blocos temáticos. É certo, todavia, que em certas ocasiões da análise irá ocorrer uma inter-relação entre os blocos temáticos, pelo fato de que as histórias obedecem a uma única orientação.

Selecionamos um certo número de histórias em quadrinhos que procurassem manter a identidade com as ordens temáticas. Em face da amplitude demarcada nos blocos temáticos, não traremos, para dentro da análise, as histórias completas, já que não julgamos conveniente, pois se tornaria improdutivo para as nossas finalidades. Buscaremos trazer fragmentos da narrativa, em uma amostragem que seja suficiente para indicar a orientação discursiva do texto.

Essa amostragem é composta de uma década de produção, que compreende o período de 1995 a 2005, são essas revistas que formam o *corpus* da pesquisa. Após essas escolhas, realizaremos a análise propriamente dita através da seleção de vários eixos temáticos, dentre os quais elencamos como principais: amizade entre os personagens; relação com a família; sexualidade; escola; leitura; contexto histórico-social; morte; cotidiano; religião; brincadeiras; auto- imagem dos personagens; meios de comunicação.

Para desenvolver e fundamentar o estudo apresentado, seguimos o paradigma qualitativo de pesquisa, porque a característica básica desse paradigma é se respaldar na compreensão e interpretação do fenômeno estudado. Assim sendo, através da análise documental, procuraremos colher informações com o objetivo de identificar o

discurso dos quadrinhos sobre a infância e a partir de um raciocínio indutivo descobrir fenômenos e relações entre as abordagens teóricas e a empiria.

Ao identificar como se estabelecem essas relações, teremos subsídios para responder às principais perguntas levantadas pela pesquisa: *que discurso é esse das histórias em quadrinhos? E como ele re-significa?*

A noção de discurso

A elaboração da trajetória teórica que a investigação irá percorrer, inicia-se com uma análise das abordagens acerca da análise de discurso, explicitando as principais idéias defendidas pelos autores, principalmente Foucault e Bakhtin, assinalando as aproximações entre o pensamento dos dois. Para a realização desse empreendimento discursivo também nos ancoramos teoricamente em Althusser (1970), Pêcheux (1975) e Fairclough (2001).

A noção de discurso tem adquirido nos últimos anos papel relevante nos trabalhos de Ciências Sociais e Comunicação. A incorporação do conceito, originalmente desenvolvido no interior da Linguística, não se tem dado, entretanto, sem encontrar dificuldades, algumas oriundas de sua banalização conceitual, outras da complexidade que envolve a interdisciplinaridade e a recusa de modelos teóricos rígidos.

A interdisciplinaridade e o abandono dos modelos teóricos rígidos podem contribuir para uma maior possibilidade de compreensão por parte de outras áreas do conhecimento que se apropriam do campo teórico proposto pela AD.

A falta de clareza sobre o conceito e sobre a teoria da análise de discurso tem levado a equívocos que vão desde a identificação entre discurso e oratória, passando pela conceituação de ideologia enquanto inversão do real e por último da identificação da análise de discurso com um método de estudos de texto.

Esta pesquisa tem também como finalidade discutir o encontro do conceito de discurso com as Ciências Sociais, relacionando-o ao sujeito e à pluralidade discursiva que permeiam o social.

A linguagem não pode ser separada do contexto onde é produzida e também onde será recebida, nesse sentido é importante ressaltar a posição dos interlocutores, pois a atribuição de sentidos irá depender da posição que cada um ocupa em uma formação discursiva. Para Bakhtin (1993, p. 88-9) o discurso surge no momento em que o sujeito participa da sua linguagem, pois, para este autor “o discurso nasce no diálogo como sua réplica viva, forma-se na mútua-orientação dialógica do discurso de outrem no interior do objeto”.

De acordo com Brandão (1997) a linguagem enquanto discurso não se constituiria apenas como um instrumento de comunicação ou suporte de pensamento; a autora compreende a linguagem como interação, e um modo de produção social, ela não é neutra, nem imparcial ou inocente à medida que transmite uma intencionalidade manifestaria a face da ideologia: “a linguagem é lugar de conflito, de confronto ideológico, não podendo ser analisada fora da sociedade uma vez que os processos que a constituem são histórico-sociais”. (Brandão,1997,p.12). Segundo esse raciocínio, o discurso seria o ponto de articulação entre os processos ideológicos e os fenômenos lingüísticos, já que o discurso promoveria essa articulação, não podemos perder de vista a relação intrínseca entre linguagem e sociedade, portanto, o estudo sobre a linguagem não pode se desvincular de suas condições de produção.

Língua, ideologia e discurso

A língua não pode ser separada de seu conteúdo ideológico, ela está o tempo todo permeada e impregnada de ideologia. Para Bakhtin (1995, p.17), a palavra veicula, de forma privilegiada, a ideologia; “a ideologia é uma superestrutura, as transformações sociais da base refletem-se na ideologia e, portanto, na língua que as veicula.” Nesse sentido, inferimos com base nesse autor que a palavra serviria também para indicar as mudanças ocorridas na sociedade.

A ideologia está presente na vida cotidiana dos sujeitos, através de suas práticas sociais e ela só é marcadamente explicitada na interação do indivíduo com o outro. A idéia de interação está aqui defendida enquanto relação entre os sujeitos e a realidade social.

No instante de apropriação da língua pelo sujeito (apropriação esta social) é igualmente importante o que se diz e como se diz. E a ideologia se manifesta principalmente “no como se diz”, ou seja, a ideologia age na análise de discurso através da “interpelação”, pois, “a ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos”.(Althusser, 1985, p. 93), a ideologia existe pelo sujeito e para os sujeitos, ou seja, o assujeitamento do sujeito como sujeito ideológico, já que, não pode haver atribuição de sentidos sem a efetivação do pensamento, que se manifesta por meio da linguagem, e o discurso surge justamente quando o sujeito participa da sua linguagem, participação essa que não é apenas individual, mas principalmente social. A ideologia age segundo a AD, através da interpelação. Para Althusser:

a ideologia sempre/já interpelou os indivíduos como sujeitos, o que quer dizer que os indivíduos foram sempre/já interpelados pela ideologia como sujeitos, o que necessariamente nos leva a uma última formulação: *os indivíduos são sempre/ já sujeitos.*” (Althusser, 1992, p.98. Grifos do autor).

De forma simplificada, a interpelação definida por Althusser pode ser entendida como o ato de identificação do indivíduo (“sempre/já sujeito”) no discurso do outro. Quando se identifica torna-se sujeito. Sujeição à linguagem, pois é na linguagem que se inicia o trabalho da ideologia. A ideologia seria o canal pelo qual todo indivíduo se torna sujeito, conforme afirma Pêcheux (1997, p.160), “as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam”.

E o poder do discurso se manifestaria pela identificação, pela adesão espontânea, pela capacidade que um discurso possui em influenciar e interferir na opinião do outro, já que um sujeito se dirige ao outro com a intenção de provocar efeito.

O social é composto por uma rede de discursos; essa pluridiscursividade que atravessa o social é também responsável pela instauração dos significados possíveis atribuídos às mensagens pelos interlocutores.

Nesse sentido, a *formação discursiva* em que o sujeito está inserido marcada também pelo estado de luta e enfrentamento, “determina o que pode e deve ser dito”.(Pêcheux, 1997, p. 162)

Dessa forma, o que define o sujeito é o lugar do qual ele fala em relação aos diferentes lugares de uma esfera social.

É também especificamente na possibilidade que os discursos têm de exprimir as faces da ideologia que se pode definir as características de uma determinada forma de pensar as relações mantidas pelos homens. Se, como coloca Nattiez (1979), o processo de leitura é múltiplo e indefinido, também não podemos esquecer que a definição de um corpo ideológico só é possível porque estamos atribuindo sentidos aos diversos discursos que nos chegam cotidianamente.

A contribuição teórica de Michel Foucault para a análise de discurso.

As abordagens de Foucault são profícuas na medida em que colocam diretrizes para uma análise de discurso. Foucault (1995) concebe os discursos como uma dispersão, isto é, como sendo constituídos por elementos que não estão formados por nenhum princípio de unidade. Caberia à análise do discurso descrever essa dispersão, buscando o estabelecimento de regras capazes de reger as formações dos discursos. Tais regras, denominadas pelo autor de *regras de formação*, possibilitariam a identificação dos diversos elementos que compõem uma formação discursiva. Foucault apresenta-as como um “feixe de relações” entre os objetos do discurso, as diferentes formas de enunciação que permeiam o discurso, os conceitos e as diferentes estratégias capazes de dar conta de uma formação discursiva, incluindo ou excluindo determinados temas e teorias.

Definindo discurso como um conjunto de enunciados que se remetem a uma mesma formação discursiva, pois para ele “um discurso é um conjunto de enunciados que se apóia em um mesmo sistema de formação” (Foucault, 1995, p.124). Para esse autor a análise de uma formação discursiva consistirá, então, na descrição dos enunciados que a compõem. A noção de enunciado em Foucault não se confunde com

a noção de proposição ou de frase, para ele o enunciado não é uma unidade elementar que viria juntar-se às unidades descritas pela gramática ou pela lógica da frase, mas é:

uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita). Não há razão para espanto por não se ter podido encontrar para o enunciado critérios estruturais de unidade; é que ele não é em si mesmo uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço. (Foucault, 1995, p.99. Aspas do autor).

Assim, o enunciado para Foucault, em hipótese alguma, pode ser interpretado como a expressão direta de uma forma gramatical pura e simples. Bakhtin também vai se contrapor aos lingüistas de maneira geral concebendo um estatuto próprio ao enunciado, estatuto esse que o distancia (como Foucault) das referências puramente formais/gramaticais.

Os diversos conceitos elaborados por Foucault foram fundamentais para os teóricos que se dedicam em analisar o discurso. Apesar de não trabalhar especificamente com o conceito de ideologia em seus estudos, conseguimos visualizar marcas da ideologia, através da profunda abordagem que ele realiza sobre o poder nas sociedades modernas.

Foucault não fundamenta sua teoria sobre o discurso com base na lingüística, ele vai mais além, quando propõe analisar o discurso como um jogo estratégico e polêmico: o discurso não pode ser apenas analisado sob seu aspecto lingüístico, mas como jogo estratégico de ação e reação, de questões e respostas, de dominação e de recusa e também como luta e enfrentamento, “discurso não é apenas o que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é a coisa para a qual e pela qual a luta existe, o discurso é o poder a ser tomado” (Foucault apud Fairclough, 2001, p.77), resumindo, o

discurso seria um lugar onde se refletiriam as tensões e os conflitos existentes na sociedade.

Não podemos esquecer, portanto, que as sociedades capitalistas são fortemente organizadas por um discurso que dá sentido à reprodução do capital. Com isso, “a produção desse discurso gerador de poder é controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certos procedimentos que têm por função eliminar toda e qualquer ameaça à permanência desse poder”. (Brandão, 1997, p.32)

Uma outra questão que atravessa os trabalhos sobre a AD é a análise da relação entre práticas discursivas e práticas não discursivas. O conceito de práticas não discursivas para Pinto (1989) oferece alguma dificuldade, na medida em que essas práticas tendem a perder sua singularidade no interior do discurso. Foucault (1995) abre uma discussão da relação entre discurso e práticas não discursivas quando, ao demonstrar a formação de estratégias discursivas, defende: “a determinação das escolhas teóricas realmente efetuadas depende também de uma outra instância. Essa instância se caracteriza, de início, pela função que deve exercer o discurso estudado em um campo de práticas não discursivas”. (Foucault, 1995, p.74)

O discurso, portanto, tem uma relação necessária com as práticas não-discursivas, relação que pode ser analisada sobre dois aspectos: um diz respeito à estreita e necessária relação entre as duas práticas, outra ao caráter de não-causalidade dessa relação.

Essas abordagens sobre o discurso serão fundamentais no desenvolvimento da pesquisa, já que elas atravessarão toda a discussão teórica que nos embasará na identificação do discurso sobre a infância nos quadrinhos de Mauricio de Sousa.

Referências bibliográficas

- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado*. 2.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BADINTER, Elizabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. 5ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BAKHTIN, Mikhail. (VOLOSHINOV), V.N. 1929 *Marxismo e filosofia da linguagem*. 7.ed. São Paulo: Hucitec, 1995.
- _____. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. São Paulo: Editora da UNESP, 1993.
- BERGER, Peter L., LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. 22ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2002.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 6.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- BUFFAULT, Vincent Anne. *Da amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1996.
- ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1987
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 11.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- _____. *A arqueologia do saber*. 4.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- GADET, Françoise, HAK, Tony (orgs), *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 2.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. 2.ed. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1993.
- NATTIEZ, J.J. *Problemas e métodos em semiologia*. Lisboa: Presença, 1979. (coleções 70, nº 18).

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1987

_____. *Discurso e leitura*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1993.

_____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas-SP: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 1997.

PINTO, Céli Regina Jardim. *Com a palavra o senhor Presidente José Sarney: o discurso do Plano Cruzado*. São Paulo: Hucitec, 1989.

PRIORE, Mary Del (org). *História das crianças no Brasil*. 4ed. São Paulo: Contexto, 2004